

O Relato de Viagem e a Disfunção Temporal e Espacial

Prof. Dr. a. Lucia Ricotta¹

Resumo:

Tendo em vista que a Relation Historique da viagem de Alexander von Humboldt à América converge amplamente com o que ele designa por meio dos termos, “física do mundo”, “teoria da terra” e “geografia física”, minha idéia é propor que a totalidade extensiva, entrevista em seu percurso por múltiplos marcos geográficos, cumpre-se mediante esforços tensos de espacialização e temporalização. O que nos leva a supor que a escrita do relato esteja composta em função das possibilidades que a mobilidade da viagem promove, bloqueia ou desloca. Se o relato da viagem expõe uma relação sistêmica entre mobilidade e escrita, ele figura perspectiva móvel e configurações relacionais ligadas à heterogeneidade de espaços, aptas a alterar a percepção do tempo e do espaço e a desestabilizar os contornos fixos da semântica européia sobre o Novo Mundo.

Palavras-chave: Alexander von Humboldt, escrita, corpo, heterotopia

Introdução

De saída, pensar a pertinência de um princípio heterotópico no relato de viagem de Alexander von Humboldt, significa pensar a articulação tensa, nele presente, entre escrita e deslocamento espacial, pois um relato de viagem define-se, antes de tudo, pelas memórias retidas e fixadas de quem percorreu distâncias e fez-se presente em lugares diferentes, não-familiares e estranhos². Escrever o movimento, anotar, observar, registrar enquanto se desloca, esse é o desafio espacial próprio ao relato; a produção da escrita submetida às condições físicas da viagem. Rex Clark examina questão semelhante quando afirma que, “criar oportunidades para o ato físico da escrita foi um desafio para a expedição em movimento de Humboldt” (Clark, 2001, p. 1). E isso envolve, a meu ver, não somente o **Relato Histórico** (1814-1831) da expedição científica de Humboldt à América Latina, mas o processo inteiro de escrita de suas experiências de viagem. O formato enciclopédico do *Voyage*, como um todo, – o *corpus* americanista francês de sua obra contém 29 volumes³, é uma indicação desta tentativa de alcançar e apreender o frenético movimento de Humboldt por cinco anos na América através de diferentes lugares (foram 9.000 localidades que ele visitou), múltiplas demarcações geográficas, uma mobilidade física intensa por distintas topografias com diversas características de terreno, como: áreas vulcânicas, montanhas elevadas, pedregosas, inclinadas, precipícios, cidades, povoados, florestas, bosques, mares, rios etc. E esse “desafio” para apreender uma totalidade extensiva através de percurso por espaços heterogêneos pode ser identificado, também, em seus trabalhos principais, incluindo, o **Quadros da Natureza** (1808) e **Cosmos** (1845-62). É como se sua tentativa de realizar uma *Darstellung* estética da ciência – que o coloca face ao problema mais amplo dos limites da representação naturalista – pudesse ser realizada somente por um ato contínuo de deslocamento através da “multiplicidade de caminhos não penetrados”. Deslocamento não somente do próprio Humboldt, mas deslocamentos de curiosidades da fauna e da flora, de instrumentos, peda-

¹ Professora Adjunta de Teoria e História Literária do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Estrada do Bem-Querido, KM 4, Bairro Universitário, CEP: 45.083-900, Vitória da Conquista, Bahia.

² Alexander von Humboldt veio acompanhado do naturalista francês Aimé Bonpland, e ambos percorreram a região norte da América do Sul, conhecida como a região equinocial. Exploraram a costa da Venezuela, os rios Amazonas e Orenoco, grande parte do Peru, Equador, Cuba, Colômbia e México entre os anos 1799-1804.

³ *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Alexander de Humboldt et Aimé Bonpland* foi publicada principalmente durante a estadia de Humboldt em Paris, que começou em 1807. A obra consiste em 29 volumes na edição francesa em folio/quarto e 34 volumes, incluindo a *Synopsis plantarum* por K. S. Kunth. Ver Ulrike Leitner “Humboldt’s work on México”: <http://www.uni-postam.de/u/romanistik/humboldt/hin/leitner5>.

ços de rochas, minerais que se movem junto à viagem que, em suma, viajam. Leiamos suas palavras no *Kosmos*:

Toda pesquisa profunda na fascinante rede da vida orgânica, e na eterna atividade e ação das forças vivas, conduz certamente à entrada a novos labirintos. Mas é exatamente essa multiplicidade de caminhos não penetrados, altamente emaranhados, que desperta, em todos os níveis do saber, radiante admiração (...) O círculo de tipos orgânicos se expande à medida que o espaço terrestre é vasculhado em viagens terrestres e marítimas, à medida que os organismos vivos são comparados com os mortos e os microscópios são aperfeiçoados e expandidos (...). Com a crescente compreensão torna-se maior o sentimento de incomensurabilidade da vida natural; reconhecemos que em terra firme, na camada atmosférica que a envolve e nas profundezas do oceano, assim como nas profundezas dos céus, “o espaço não irá faltar” ao ousado conquistador científico. (HUMBOLDT, 1848, p.10).

Remontar à perspectiva móvel para dessecar o que pode haver de narrativo na representação, isso seria a heterotopia no relato; a escrita se constrói nesse “espaço terrestre vasculhado em viagens terrestres e marítimas” e se reproduz nos movimentos seja do andar, da escalada, a bordo ou na imobilidade do repouso. No entanto, o relato constrói, por um lado, a narração do que sucedeu, e a constrói sob forte rendimento da linearidade seqüencial do tempo. Por outro lado, o relato fragmenta, num grande número de registros, a viagem e a escrita do que foi anotado e pesquisado durante deslocamento. No relato histórico da viagem de Humboldt, formada no desígnio “de contribuir ao progresso das ciências físicas” (HUMBOLDT, 1814, p. 1), não se trata de literatura *strictu sensu*, mas de uma empresa ao mesmo tempo literária e científica composta no exercício, assíduo e disciplinado, de ver, coletar, calcular e observar. Operações que disponibilizam, ao lado dos quadros da natureza, dados científicos sobre medidas de altura, temperatura, pressão atmosférica, coordenadas geodésicas etc. Portanto, se escrever é uma técnica e meio utilizado pelo viajante-cientista para registrar, há que considerar as diferentes formas de escrita que o relato apresenta; a narrativa é representada por notas, memórias, diários, diários de rota, listas, descrições, desenhos, tabelas de medidas, relatório de observações geológicas, geográficas, discussão sobre o alcance teórico dos pequenos saberes etc, isso tudo ganha estatuto epistemológico no interior do relato, na medida em que interroga sobre a natureza das percepções humanas face à inter-relação de vários lugares do planeta. Vale dizer: para Humboldt, os pequenos saberes como a cartografia, a topografia, a geografia, a geologia, a climatologia comparada, a geografia das plantas e a pintura da natureza constituem formas de apreensão e reconhecimento do mundo visitado, daí uma imaginação expressa mediante arte quantitativa de observar e técnica de mensuração calibrada pelos instrumentos, sejam eles os sentidos visuais, auditivos e olfativos sejam os barômetros, os hidrômetros, os cronômetros que acompanhavam Humboldt. Tomando de empréstimo o argumento de Marie-Noëlle Bourguet em seu, “*Landscape with numbers*”, acerca da dimensão estética junto à aproximação analítica e quantitativa da natureza pelos viajantes-naturalistas, pode-se dizer que Humboldt insere-se no momento da mudança cultural, de fins do século XVIII e início do século XIX, no qual a preocupação com as condições locais fez com que a história natural se aproximasse da constituição física da natureza, haja vista a pretensão humboldtiana de abarcar uma “teoria da terra” ou uma “física do mundo”, como ele designa. Pode-se afirmar: as práticas de mensuração e precisão instrumental, levadas pela curiosidade botânica, climática e geográfica, constituíram os hábitos de inúmeros naturalistas-viajantes (BOURGUET, 2002, p. 119).

1 Escrever o Movimento

O chamado gênero literatura de viagem é, por demais, híbrido para se decidir entre seu caráter documental, de diário, autobiográfico, e sua circunscrição literária e científica. Prefiro entender que a escrita do “Relato Histórico” de Humboldt é uma reivindicação do movimento espacializado da viagem ou que a escrita ela mesma é uma forma de movimento e fixação. A escrita da viagem é, aqui, um procedimento e uma experiência mediática da literatura e da ciência. Charles Grivel

(1994), em seu texto “*Travel Writing*”, nos ajuda a entender a relação estrutural entre escrita e viagem. Ele considera que a causa da escrita do viajante é o não-saber, a falta de conhecimento. Nesse sentido, a viagem não é uma forma de conhecimento, mas de reconhecimento que implica a mediação direta do olhar pelo movimento de posicionar e sobrepor palavras no papel. Entenda-se, portanto, que não se trata de momentos distintos de temporalidade, quando teríamos, por exemplo, primeiro o passeio, depois a escrita do que se viu durante o passeio. Não, porque se constitui, aqui, a justa simultaneidade da escrita e do movimento – escreve-se desde o deslocamento, e o movimento é a marca irrefutável dessa escrita: anota-se palavras e medidas calculadas, retifica-se posições, desenha-se rascunhos, porque, de fato, não se sabe o que se viu antes de escrever. O que foi visto sobre os próprios lugares é anotado, conforme o viajante percorre “caminhos não penetrados, altamente emaranhados”; este é o nexo que a escrita da viagem não cessa de supor, esse disparo permanente capaz de impulsionar qualquer um a escrever enquanto viaja ou simplesmente escrever a viagem. Pense-se no quão comum é começar uma viagem comprando cadernos de anotações, canetas ou lápis especial, como se tivéssemos a intenção de criar um estoque de experiências para reconhecer a terra estranha. Como se fosse possível também captar e satisfazer o apetite do avanço, da não estagnação e do movimento para trazer à luz a ignorância do viajante. Humboldt, consciente de que “quanto menos os problemas científicos se acham resolvidos (...), mais o viajante deseja ver com seus próprios olhos” (HUMBOLDT, 1814, p. 148), ressalta o “sentimento lastimável” face à escassez de conhecimento dos naturalistas, ele diz: “refletindo sobre o pouco progresso que os mineralogistas e as descobertas em química tiveram para a geologia física, não sabemos nos defender de um sentimento lastimável: (...) aqueles que, interrogando a natureza sob climas diversos, estão mais ocupados com os problemas que eles não puderam resolver do que com o pequeno número de resultados que obtiveram” (HUMBOLDT, 1814, p. 149).

A *Relation Historique* de Humboldt revela o quão já se encontrava esfacelado e distorcido o clássico modelo do relato. Seu próprio inacabamento aponta para a uma narrativa infinita, serializada, cósmica, no sentido de Humboldt, em que o todo é uma totalidade inabarcável ou abarcável somente em sua situação de fragmento e descontinuidade. Por não ter alcançado o relato da viagem total, os cinco anos de sua duração, o relato em certa medida fracassa no que prometia êxito, contar em pormenores todos os fatos brutos ao longo da viagem. Sabemos que Humboldt interrompe a escrita do relato histórico, a partir de 1801, na primeira fase da viagem ao Peru. Vários são os momentos em que se desconstrói a medida clássica do relato de viagem. Mais uma maneira de enfatizar essa necessidade da escrita durante o curso da viagem, é a de apontar para a desconstrução de um ponto de vista homogêneo; os movimentos da narrativa de viagem não obedecem a uma perspectiva unívoca ou a um mundo unívoco abarcável através de categorias fixas e homogêneas; tudo se passa diante do olho do viajante, tudo viaja quando o viajante rompe a posição inercial do começo. Neste sentido, é interessante notar as observações feitas por Oliver Lubrich em seu “Alexander von Humboldt: revolucionando a literatura de viagem” sobre a heterogeneidade de denominações e a quantidade vasta dos qualitativos que Humboldt usa para se referir ao objeto de seu discurso. O nome do lugar-destino de sua viagem é submetido ao que ele chama de um “processo permutativo” ou transformador que combina um substantivo a um atributo para tentar denominar o nome do lugar para o qual viaja. As denominações variáveis são: “Novo Continente”, “Novo Mundo”, “Região Equinocial”, “zona tórrida”, “Trópicos”, “regiões pouco visitadas pelos europeus” etc. Esses tipos de denominações móveis e indetermináveis derivam da intensa mobilidade física da viagem que provoca a ausência de um paradigma unívoco (geográfico, climático, político-colonial) capaz de abranger o mundo americano sob lente européia. O que leva, segundo Lubrich, à exposição do objeto da narrativa em sua indefinibilidade. Citemos o contexto dessa discussão no texto dele:

A toponímia de Humboldt revela uma estranha almagazão de discursos. Sua percepção multifacetada da América é visível em suas classificações descritivas. A região viajada é compreendida através de múltiplos paradigmas: mitológico (austral, boreal, setentrional), histórico (Índia, América, Paria), geográfico (equatorial, ao

sul, tropical), colonial-político (como uma província espanhola), revolucionário (como um país separado), climático (equinocial, meridiano, quente), temporal (novo) ou perspectivo (longe, estrangeiro, desconhecido). Humboldt tenta compreender seu objeto em sua mais vasta totalidade. (...).

Humboldt impõe tantas palavras distintas sobre o objeto de seu discurso que este perde seu contorno. Introduzindo tantas esferas de interpretação, as descrições não têm uma denotação em comum. Elas representam a polissemia. E expõem seu objeto em sua indefinibilidade (LUBRICH, 2004, p. 368-369).

O que quero enfatizar, com esse trecho destacado, é que a viagem, por ser um estado móvel, abre a possibilidade da mudança constante ou simplesmente desestabiliza qualquer posição e nomeação rígida; as próprias denominações e lugares que lhe servem de coordenadas aparecem deslocados e tencionados para além de suas delimitações geográficas. Deixe-me explicar melhor: meu ponto é como o deslocamento físico está representado nas múltiplas maneiras de compor uma narrativa histórica da viagem. E como a “inquietude perpétua” da viagem, como os diferentes modos de mobilidade criam perspectivas móveis e variáveis aptos a romperem com uma seqüencialidade narrativa. Mas quais as implicações dessa interferência para o status representacional do relato de viagem? O que é importante, aqui, não é imediatamente encontrar um diálogo da narrativa literária e o relato de viagem, mas mostrar como o movimento do viajante expõe tal tensão entre formas múltiplas da escrita, e como tal mobilidade desconstrói posições fixas, ao mesmo tempo, em que as expõe como necessidade - o desejo da imobilidade e da fixidez é próprio também do viajante; parar de viajar, buscar fixar-se num paradeiro para poder retomar a viagem novamente parece ser um movimento da própria viagem. O deslocamento do viajante também desconstrói idéias; através das passagens de um lugar para outro, a partir do trânsito incessante de Humboldt pela América, a escrita do lugar de onde ele veio, a Europa, e a escrita do lugar para o qual ele está indo, a América, são submetidos à perspectiva-móvel. Quero enfatizar: no momento em que deixa a Europa, e se põe em trânsito, seja de navio, a pé, a cavalo, mula ou camelo, como quer que se movimente, pelos diversos terrenos, passa a representar sob perspectiva da mobilidade ligada à extensividade, muitas vezes, descontínua do espaço. Isso quer dizer que as idéias, as coisas vão ganhando contornos variáveis, não porque impróprios à fixidez, mas porque os próprios contornos fixos se constroem junto à mobilidade ou sob perspectiva móvel. Só se tornam fixos, porque a mobilidade incessante lhe exige, de certa forma. Não quero dizer que não existam “quadros da natureza” no **Relato Histórico** aptos a imobilizar cenas e vistas sob as quais leitores e espectadores fazem fruir esteticamente a natureza representada. Há várias cenas da natureza e de paisagem, mas, na verdade, teríamos, junto à mobilidade de Humboldt, diversas formas de registro que vão fragmentando a narrativa, criando distintas formas de apresentação da “massa bruta de fatos” recolhidos na América. Penso nas transcrições de trechos de outros autores, nas tabelas meteorológicas, nos gráficos, na minúcia descritiva sobre a declividade das montanhas e sobre as dificuldades sofridas pelo corpo, pelos pés, penso na exigência naturalista de uma postura corporal, no interesse exato pela extensão e medida do espaço, pela demarcação topográfica dos lugares e pela sensação de espacialidade - estar em determinado lugar é diferente. Humboldt chama a atenção para certa descontinuidade física, por exemplo, da montanha de Silla em Caracas, cito-o:

A montanha não é tão notável por sua altura, (...) mas ela se distingue de todas as montanhas que percorri pelo enorme precipício que ela oferece ao lado do mar. A encosta forma apenas uma beirada estreita; e (...) nós nos imaginamos, por uma ilusão de ótica (...) em um paredão de rochas que é quase perpendicular. (...) Um precipício de seis a sete mil pés, como este de *Silla* de Caracas, é um fenômeno muito mais raro que aqueles que, percorrendo as montanhas sem lhe medir a altura, sua massa e sua declividade, podem imaginar (HUMBOLDT, 1814, p. 77).

2 Entre Dois Lugares

É importante notar na narrativa do início do “Relato Histórico”, que o começo realmente físico de deslocamento sugere uma perspectiva de trânsito entre dois lugares. Humboldt viaja por mar, parte de *la Coruña*, na Espanha, até a África, em Santa Cruz de Tenerife e, depois, para *Cumana*, na Venezuela, ao mesmo tempo, ele põe no movimento de saída e passagem, na mobilidade, efetivamente, suas expectativas mentais do mundo novo, e também sua perspectiva como europeu. Vejamos como isso se dá na *Relation Historique*, ele começa a narrar em sua “Introdução”: “doze anos se passaram desde que deixei a Europa para percorrer o interior do continente novo” (HUMBOLDT, 1814, p. 1). Humboldt está se referindo ao dia 5 de Junho de 1799, quando saiu da Europa. O relato histórico da viagem inicia-se com essa frase, a narrativa de sua partida da Europa, compreendida como um ato retrospectivo de separação dela, que necessariamente teve que ser substituído ou compensado por alguma dimensão interna do espaço físico. E a narrativa do momento da partida refere-se a uma temporalidade que é também o momento em que ele menciona a dimensão espacial de sua viagem, “Europa”, e o “interior do Novo Continente”, um longo caminho de casa que, paradoxalmente, parece cancelado na forma do discurso, como se houvesse uma vizinhança categorial entre eles. A Europa, plenamente presente num europeu, envolve e implica a ausência dele e nele. Dois lugares díspares em movimento de aproximação, como se fosse possível ocultar as ansiedades normais das partidas e dos estranhamentos e como se fosse possível frear o deslocamento do europeu em relação à Europa, pois o deslocamento descontínuo torna a possibilidade da transgressão real; o europeu percorrendo o interior do “novo continente” transgride, em certa medida, seu caráter de europeidade.

Humboldt não mencionou qualquer lugar na América. Preferiu explicitar seu percurso pela dimensão interna do “Novo Mundo”. Como se o “interior”, significando seu *oikos*, a Europa, a dimensão interna de sua própria existência, tivesse sido invadida, substituída por outro interior, o interior de uma outra “casa”, como se a “zona tórrida” preenchesse a dimensão interna de sua existência como Europeu em trânsito. Em carta a Wilhelm von Humboldt, seu irmão, datada do dia 17 de Outubro de 1800, três meses após sua chegada nas possessões espanholas, Humboldt anota: “quase não lhe posso representar o quanto me acho feliz nessa parte do mundo, num clima do qual me sinto de tal forma habituado que me parece que jamais habitei a Europa” (HAMY, 1914, p. 86). Tudo isso expõe uma tensão – aquela que se desenha nas categorias substituíveis que Europa e “Novo Continente” alcançam em sua narrativa. A partida da Europa e seus particulares momentos de temporalização sugerem que “Europa” e “Novo Continente” figuram uma geografia de lugares suspensos por coordenadas espaciais móveis, lugares a serem despidos de sua vocação local. Não para a construção de um espaço universal homogêneo, mas para a forma de outros lugares: o lugar da diversidade maravilhosa da natureza, que é o “novo continente”, por exemplo. Voltemos às palavras de Humboldt no *Kosmos*, quando se refere à “dimensão deslumbrante do organismo tropical” da zona tórrida, ele escreve:

É aí que a maravilhosa força de apropriação do espírito humano se nos revela, habitantes da zona setentrional, envolta por formas vegetais incomuns, pela dimensão deslumbrante do organismo tropical e por uma natureza exótica. Sentimo-nos tão ligados a todas as formas orgânicas, que, embora pareça que uma paisagem conterrânea ou um dialeto popular familiar devam ser mais íntimos e excitar-nos mais profundamente pelo estímulo de sua naturalidade do que qualquer estranha e exuberante densidade vegetal, mesmo assim, em pouco tempo acreditamo-nos naturalizados no clima de palmeiras da zona tórrida. Pela conexão misteriosa de todas as formações orgânicas (e reside em nós inconscientemente o sentimento de necessidade dessa conexão) apresentam-se à nossa imaginação todas as formas exóticas como elevadas e enobrecidas a partir daquelas que envolviam a nossa infância. (HUMBOLDT, 1827, p. 4).

Há uma convergência paradoxal desses dois lugares. O “Novo Continente” representa a proliferação variada de “formas vegetais incomuns”, lugar de elementos heteróclitos, do ponto de vista

européu, mas que, no entanto, por “uma conexão misteriosa” apresentam-se como “ampliações e aprimoramentos” das “formas orgânicas” da zona nórdica. Ou seja, é quando um europeu adentra pela primeira vez em um país tropical que o “Novo continente” e a Europa são reconhecidos pelas coordenadas de uma Europa em trânsito. Assim, o espaço interno que Humboldt explorou em sua famosa expedição ao interior do “Novo Continente”, como está narrado, indicou movimento de desrealização, desposseção e desenraizamento ligado até a um “ato de transgressão” (para usar expressão de den Abbeele) com a própria posição colonialista que a Europa submeteria os países de posseção européia. Não é à toa que Humboldt esteve tão ligado aos movimentos emancipatórios de Simon Bolívar⁴.

Conclusão

Concluamos com passagem do “Relato Histórico” em que, pela primeira vez, Humboldt refere-se a si mesmo como europeu. Ele narra:

Tomamos a rota no sentido noroeste para evitar o encontro das fragatas inglesas com que se supunha cruzar nessas vizinhanças. Por volta das nove horas, avistamos a luz de uma cabana de pescadores de Sisarga: era o último objeto que a costa da Europa nos oferecia. Na medida em que nos distanciávamos, essa luz fraca se confundia com aquela das estrelas que se levantavam no horizonte, e nossos olhares permaneciam involuntariamente presos a ela. Essas impressões jamais se apagam da memória daqueles que empreenderam navegações longínquas, numa época em que as emoções da alma guardam ainda toda a sua força. E as lembranças despertam na imaginação um ponto luminoso que, no meio de uma noite escura, entremendo-se sobre as ondas agitadas, designa a costa do país natal. (HUMBOLDT, 1814, p. 62)

De acordo com Ottmar Ette, que se debruça exatamente sobre esse trecho, Humboldt se representa, no interior de um processo de “transformação”. Ele diz:

Sua transformação em europeu, nessa passagem, é, todavia, para ser entendida como uma mensagem ao leitor, indicando, antes de tudo, que o livro da viagem, escrito como ele é em francês, está dirigido para um leitor europeu e enfatiza acima de qualquer coisa que Humboldt, depois de um tempo de preparação, está agora embarcando para a América Latina como um europeu e dessa forma próximo de ver o outro continente através dos olhos de um europeu. Ao mesmo tempo, essa passagem revela que a expectativa da diversidade do continente latino americano põe o próprio continente nativo sob nova perspectiva, efetivamente, empresta nova forma ao continente europeu (ETTE, 1992, p.175).

Temos então essa auto-figuração de Humboldt como europeu coincidindo, por um lado, com o início da narrativa marítima e, por outro, coincidindo com o deslocamento da própria perspectiva européia, no trânsito efetivamente móvel da viagem, como O. Ette nota. Mas, a meu ver, essa passagem do “Relato”, se entrevista desde o relato inteiro e as cartas americanistas, é significativa também porque o continente americano aparece como heterotopia da Europa, pois além da nova forma

⁴ Sobre a perspectiva da crítica pós-colonialista, lanço mão das considerações de Oliver Lubrich e Ottmar Ette em *Versuch über Humboldt* acerca da narrativa humboldtiana do Chimborazo: “Desde uma perspectiva crítica pós-colonial, tal narrativa [*Ueber einen Versuch*] seria questionada como uma arrogância eurocêntrica de um sujeito colonial que reforça a natureza americana estrangeira; esse perspectivismo central observado como visão soberana que, com isso, se legitima numa posição discursiva, científica e, até mesmo, política. Isso é certamente a forma esperável que Alexander von Humboldt evita. Sua história não trata de nenhuma “Conquista”, nem mesmo de uma conquista científica. Nada seria mais estranho que, para se representar, Humboldt tivesse levantado uma bandeira prussiana no Chimborazo. Ao contrário, ele fala de um ganho artístico que ornamenta todos os planos esportivos e deixa de lado toda intenção de conquistar uma “terra incógnita”. Sua narrativa é a história de uma não-tomada de posse (*Nichtinbesitznahme*), uma grande marca de renúncia. Um movimento colonial se inicia com alegria”. In *Ueber einen Versuch den Gipfel des Chimborazo zu ersteigen*. Frankfurt am Main: Eichborn, 2006, p. 39.

que o continente europeu ganha, na partida de Humboldt da Espanha, há um dado interessante: sob nova perspectiva e, por conseguinte, sob nova forma, o continente europeu é representado como ocupando lugares em outras terras, é representado em outros lugares fora da Europa, ou, mais importante ainda, é representado como perdendo seus contornos, delimitações e formas fixas. Quando Humboldt efetivamente desloca a si mesmo, o próprio continente europeu se desloca para a América, ganhando formas transitórias, se naturalizando em outros climas e na multiplicidade de “caminhos não penetrados”. No entanto, é preciso que se sublinhe: perceber uma heterogeneidade de espaços nas terras tropicais só foi possível para Humboldt mediante intensa atividade de deslocamento corporal junto à atividade de coleta, estudo e trabalho, realizado no trânsito marítimo e terrestre. Oito meses depois de sua partida da Espanha escreve, em carta ao Barão von Forell, de 3 de Fevereiro de 1800: “estamos agora suficientemente aclimatados para ver que com prudência um europeu pode trabalhar nessas regiões quase tanto quanto na Europa” (HAMY, 1904, p. 66). Logo após o término de sua viagem marítima a Tenerife, escreve ao irmão: “Trabalhei muito em rota e recolhi, sobretudo, observações astronômicas” (HAMY, 1914, p. 25). Ao amigo Delamétherie, em carta de 1799, conta: “fui levado a analisar a água a bordo com a mesma facilidade que em meu laboratório” (HAMY, 1904, p. 34). Humboldt trabalha todo o tempo a bordo como se estivesse num laboratório. Nas memórias que envia ao químico francês Fourcroy enfatiza: “Tenho meu laboratório montado como se estivesse na Rua Colombier, Hotel Boston”, seu último endereço em Paris (HAMY, 1904, p. 59).

No início de sua viagem, em *Cumana*, ele relata: “Não temo nada da zona tórrida. Estou quase há quatro semanas sob os trópicos e não sofro absolutamente” (HAMY, 1914, p. 28). Três meses depois, ele constata: “De fato, é preciso uma paciência sobre-humana para fazer observações astronômicas com exatidão e ‘con amore’ com um tal calor. Veja você, entretanto, que esse calor esmagador não tirou nada da minha atividade” (HAMY, 1914, p. 39). A viagem por mar também não lhe impede de encontrar outros espaços para trabalhar, pois lhe parece lamentável a disfuncionalidade a que se submete o tempo em viagem, ele pergunta ao seu amigo Fourcroy: “Mas onde achar tempo, meu digno amigo, quando temos tantas coisas para observar, redigir e calcular?” (HAMY, 1914, p. 59) ou, ainda, a angústia produzida pela brevidade do tempo em viagem: “Numa viagem, como a que empreendemos, goza-se pouco o presente. Incessantemente atormentado pelo temor de não conseguir executar os projetos do dia de amanhã, vivemos em uma inquietude perpétua” (HUMBOLDT, 1814, p. 115). A solução para a escassez e disfunção temporal da viagem está no que ele mesmo sugere: trabalhar a bordo, manter a atividade no trânsito. Mas apesar do intenso trabalho durante viagem marítima, Humboldt se ressentia da brevidade do dia na zona tórrida. Leiamos suas palavras na *Relation*:

Na zona tórrida, onde o crepúsculo dura apenas alguns minutos, ficamos reduzidos à inatividade às seis horas da noite. Esse estado de coisas me contrariou, ainda mais porque, por efeito de minha constituição, nunca conheci o enjôo, e sinto um ardor extremo pelo trabalho durante todo o tempo em que me encontro a bordo (HUMBOLDT, 1814, p. 63).

Objetos viajam de um lugar a outro, se desviam de sua forma original, sobretudo porque, na viagem, tudo parece seguir o destino móvel das múltiplas direções, destino da mobilidade e da não-estagnação. Não é somente o corpo do viajante que se desloca, os objetos encontram outros destinos, mudam de lugar, se desenraizam. Cito Humboldt: o “homem, quando expatriado, quer que tudo mude de pátria com ele”. Os instrumentos, as espécies de plantas, insetos, os objetos geológicos tudo se desloca em direção a outros lugares, vão para os museus de história natural da Europa ou para coleções e gabinetes de reis e naturalistas. Interessante é o relato de Humboldt sobre um jardim botânico no Tenerife, o qual visita, e constata a utilidade dessa instituição que serve de entreposto, lugar onde ficam acomodadas espécies de plantas a serem expedidas para a Europa. Ele conta:

(...) as ilhas Canárias, pela doçura de seu clima e posição geográfica, oferecem o lugar mais propício para aclimatar as produções das duas Índias, e para servir de

entreposto aos vegetais que devem se acostumar gradualmente à temperatura mais fria da Europa austral. (...) O jardim do Tenerife poderá assim se tornar muito útil ao grande número de plantas que se envia das Índias para a Europa. Antes de chegarem as nossas costas, elas perecem frequentemente por causa da lentidão de uma navegação durante a qual respiram um ar carregado de água salgada (HUMBOLDT, 1814, p. 114).

Mesmo um europeu, e a Europa, podem mudar de lugares e podem ser compreendidos de um ponto de vista distante de sua terra natal e destino, e podem, ainda, existirem como realidades transplantadas. É o caso da região de *Oratawa*, na ilha do Tenerife, que, segundo Humboldt, é um caso de transplantação da sociabilidade européia nos climas distantes, ele diz: “encontramos em *Oratawa* pessoas que tem o gosto pelas letras e música, e que transplantaram, em climas distantes, a amenidade da sociedade da Europa” (HUMBOLDT, 1914, p. 146).

Mas, chamaria a atenção para o fato de que esse movimento de viagem, um europeu saindo da Europa, não é desprovido de tensão e angústia, e seus sentimentos correlatos de fixidez ou imobilidade. Observe-se o que relata ao irmão Wilhelm von Humboldt, em carta de 23 de Junho de 1799, quando partia “da terra africana”, o Tenerife, o primeiro lugar visitado depois que saiu da Europa, ele diz: “é quase com lágrimas que parto; gostaria de me estabelecer aqui; é com dificuldade que parto assim como quando deixei a terra da Europa” (HAMY, 1914, p. 22). Humboldt traz com sua partida da Europa suas expectativas como europeu e, ao mesmo tempo, traz consigo o desejo de se fixar em outros lugares móveis, como uma maneira de indicar que suas notas, registros, memórias, medidas de precisão etc., realizadas durante os deslocamentos, em pleno ar, obedecem à espécie de epítome espacial norteador de sua atividade de naturalista-viajante, repito suas palavras: “o espaço não faltará ao ousado explorador científico”.

Referências Bibliográficas

- [1] ABBEELE, Georges Van Den. The economy of travel. In: *Travel as metaphor from Montaigne to Rousseau*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.
- [2] BOURGUET, Marie-Noëlle. Landscape with numbers: natural history, travel and instruments in the late eighteenth and early nineteenth centuries. Bourguet, M.-N., LICOPPE, C. & SIBUN, O. *Instruments, travel and science. Itineraries of precision from the seventeenth to the twentieth century*. London: Routledge, 2002.
- [3] CLARK, Rex. *If Humboldt had a laptop. Moving knowledge networks from print to digital media*. HiN. **Alexander von Humboldt im NETZ**. Postdam, vol. II, n. 3, 2001. Disponível em: <http://www.uni.postam.de/u/romanistik/Humboldt/hin/clark>
- [4] ETTE, Otmar. *Transatlantic perceptions: A contrastive reading of the travels of Alexander von Humboldt and Fray Servando Teresa de Mier*. **Dispositio. Revista Americana de Estudios Comparados y Culturales/American Journal of Comparative and Cultural Studies**. Michigan, vol. XVII, n. 42-43, p. 165-197, 1992.
- [5] ETTE, Otmar & LUBRICH, Oliver. Versuch über Humboldt. In: HUMBOLDT, Alexander von. *Über einen Versuch den Gipfel des Chimborazo zu ersteigen*. Frankfurt am Main: Eichborn, 2006.
- [6] GRIVEL, Charles. Travel Writing. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich & PFEIFFER, Karl Ludwig (Eds.). *Materialities of communication*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- [7] HUMBOLDT, Alexander von. *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland*. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>.

- [8] *Considerações introdutórias sobre as diversas formas de apreciar a natureza e uma investigação científica das leis que regem o mundo.* Tradução Fabrício Coelho, 2008, no prelo.
- [9] HAMY, E. T. *Lettres Américaines d'Alexander von Humboldt (1798-1807)*. Paris: Librairie Orientale & Américaine, 1904.
- [10] LUBRICH, O. *Alexander von Humboldt: Revolutionizing travel literature*. **Monatshefte für Deutschen Unterricht, Deutsche Sprache und Literatur**, vol. 96, n.3, 2004.